

“Apimentando relações”: discursos e usos de produtos eróticos na periferia de São Paulo

Maisa Cardozo Fidalgo Ramos – Universidade Estadual de Campinas

EJE 1: Saberes feministas y LGTTIBQ: Producción crítica de conocimiento

Gênero – sexualidade – periferia

O presente trabalho aponta articulações iniciais de pesquisa de mestrado e objetiva contemplar práticas de consumo e sexualidade encadeadas à categoria periferia. A partir de etnografia em *sex shops* no Capão Redondo, bairro situado na região sul da periferia da cidade de São Paulo, busco compreender as dinâmicas que envolvem práticas e discursos sexuais dos sujeitos em campo, diretamente mediados pelo consumo de artefatos eróticos. Se as estratégias desse mercado lançam mão de um erotismo politicamente correto (Gregori, 2011), meu objetivo é perceber se e como esse repertório é resignificado no contexto do Capão. A pesquisa está em estágio inicial e meu propósito para esse encontro é trazer informações de meu campo que possam contribuir para o debate.

A sexualidade é frequentemente tema de contendas feministas centradas em polêmicas como a escolha dos rumos de uma política feminista do sexo ou as posições que as feministas devem assumir perante a sexualidade. De acordo com Vance (1989) esses debates são fundamentados nas percepções e defesas dos limites entre prazer e perigo, sobretudo a partir da década de 1960 quando o tema sexualidade vem à tona com desafiantes intersecções entre política, relações sociais, economia, história, pessoal e conjuntural entrecruzadas com fantasia e ação, comportamento e pensamento (Vance, 1989:34). Entre as décadas de 1970 e 1980, a “*sex wars*” movimentou as discussões feministas opondo dois polos. De um lado, feministas radicais e culturais defendiam que o sexo é o postulado da opressão feminina enquanto, do outro lado, feministas argumentavam que o sexo e o prazer femininos não podem ser compreendidos somente na chave do perigo, mas também em sua potencialidade de resistência e direito femininos, na defesa de uma luta por prazer. Nesse contexto, a pornografia foi um ponto central da discussão dividindo opiniões sobre seus significados simbólicos e/ou culturais: a pornografia sedimentaria a submissão feminina ou fomentaria uma ampliação das fronteiras sexuais para mulheres? Para Gregori (2012) a pornografia e o erotismo¹ tem muito a nos dizer sobre sexualidade: “Não devemos queimar materiais pornográficos. Antes de ameaçarem eles expõem e registram tensões, ressignificações e fissuras das normatividades de gênero e sexualidade”. Para a autora, ainda que esses materiais estejam inseridos em uma lógica de produção percebida como masculina, feita por e para homens, é possível encontrar nos filmes uma brecha de visibilidade. Mais que isso, o estudo de materiais pornográficos – ou eróticos – extrapola os universos institucionais e possibilita a investigação de outros contextos que, seguindo a lógica foucaultiana, também são responsáveis pela gama de saberes e poderes em voga nas sociedades ocidentais contemporâneas (Gregori, 2012). Nesse sentido o estudo do universo do mercado erótico, e aqui mais precisamente as *sex shops*, não se refere somente a uma gramática de consumo mas a uma investigação cujas perguntas podem ser: o que *sex shops* tem a nos dizer sobre sexualidade em contextos urbanos

¹ A distinção entre pornografia e erotismo decorre delong debate. Aqui assumem significados quase idênticos, uma vez que muitas vezes os sentidos atribuídos aos materiais são de cunho moral. “Erotismo é o que a gente quer fazer e pornografia é o que a gente tem nojo”, no discurso de uma interlocutora.

contemporâneos? Quais saberes e quais dinâmicas estão ali envolvidas? O que se desloca quando o cenário dessas práticas é a periferia de uma grande cidade brasileira?

A feminização do mercado erótico, fenômeno estudado por Gregori (2011a, 2011b, 2012), resulta no aumento da frequência feminina em *sex shops* e na expansão desse mercado para a periferia, ambos dependentes de um deslocamento semântico no que tange aos discursos e práticas sexuais possíveis para mulheres residentes ou circulantes na região. Nesse sentido, as lojas de produtos eróticos são locais privilegiados para investigação dessas novas dinâmicas não de forma amostral, mas como uma rede de trajetórias, sujeitos e discursos que interseccionam gênero, escolha sexual, idade, poder aquisitivo, acesso a informações e é isso que me interessa nesta pesquisa.

Prazeres “da ponte pra lá”

O Capão Redondo é um bairro de aproximadamente 300 mil habitantes localizado na zona sul de São Paulo, a maior cidade do Brasil e a sétima maior metrópole do mundo. Distante cerca de 20 km do centro do município, é conhecido pelos seus altos índices de criminalidade e pobreza, sendo um símbolo do descontrole de políticas urbanas e de ocupação periférica. A oferta de terrenos baratos marca a origem do bairro que, atualmente, conta com 58 favelas. A renda média do Capão é de R\$711,17 e 32,8% dos cidadãos tem renda familiar de dois a menos de cinco salários mínimos².

Tais dados conformam o Capão Redondo na estrutura do que é socialmente percebido como “periferia”, termo que indica menos uma localização territorial e mais um feixe de relações e situações que perpassam as experiências de boa parte dos indivíduos que vivem predominantemente nesses espaços: pessoas de camadas sociais médias/baixas e com pouca escolaridade que transitam em outras esferas do mundo social de modo plural (Feltran, 2008). São indivíduos que trabalham, estudam, frequentam e acessam lugares diversos, por vezes desconectados da região onde moram. A referência ao Capão Redondo como periferia diz respeito às suas dinâmicas sociais regulares, que coincidem com características de locais cunhados como periféricos (Feltran, 2008). Compreender os fluxos de consumo – e de discursos sobre erotismo e prazer sexual – neste contexto implica desvendar uma tessitura não reduzida ao Capão Redondo mas, composta também pela relações próprias deste local.

Em algumas visitas por motivos pessoais no Capão Redondo, fiquei intrigada com a proliferação de *sex shops* no bairro. Na avenida principal, há três lojas do tipo, sendo uma delas pertencente a uma cadeia de estabelecimentos semelhantes com mais duas lojas na mesma região. Fui às três lojas da avenida na tentativa de estabelecer contatos mas em apenas uma *sex shop* a proprietária se entusiasmou com a pesquisa. Além de me receber, ela é bastante solícita e até sugeriu ao marido que promovessem uma tarde de liquidação em minha presença para incentivar as consumidoras a conversarem comigo.

Uma dessas lojas pertence à Flor minha principal interlocutora até o momento, está localizada em uma região movimentada do Capão, em uma parte da avenida repleta de comércios como postos de gasolina (um deles bem em frente à *sex shop*), lojas de móveis, cabeleireiros, mecânica, autopeças e roupas. A *sex shop* tem cerca de 50 m² e

² Fonte: http://produtos.seade.gov.br/produtos/msp/ren/ren1_001.htm (acesso em 23/08/2014).

fica em um pequeno prédio comercial e térreo. Na entrada há uma vitrine com dois manequins femininos e um masculino usando fantasias e/ou lingerie. No espaço e em nichos (caixas) e araras instaladas na parede estão distribuídas lingerie, meias-calças, roupas de banho e ginástica. No balcão do caixa ficam expostos catálogos das fantasias sensuais (com fotos de modelos seminuas)³ e algumas caixas de papelão colorido guardam pequenos frascos e preservativos. A disposição da loja não indica que ali são vendidos produtos eróticos – não fosse pela parede do fundo ocupada por dois vestiários e, escondida sob uma cortina preta, a *sex shop*. Atrás da cortina estão próteses de variadas cores e tamanhos, vaginas de plástico, vibradores, cassetetes, algemas, fantasias, géis e cremes massageadores, cápsulas de óleo, bolinhas estimulantes, sprays, *plugs* anais, anéis penianos, entre outros produtos.

Em minha primeira incursão, o estabelecimento anunciava-se em sua fachada com letras adesivas azuis: “lingerie e *sex shop*”. Um mês depois, o termo “*sex shop*” foi apagado, como estratégia de *marketing* após queda nas vendas. O ocultamento – ou disfarce – das atividades empreendidas na loja tem uma dupla função comercial pois não afasta determinados clientes e mantém outros protegidos de possíveis estigmas. Flor contou-me que lojas de produtos eróticos no Capão são um “tabuzão” pois ninguém quer ser visto entrando em um local como esse, sob risco de ser alvo de chacotas ou preconceito. Ambos narram situações nas quais clientes sentiram-se ofendidos com a exposição dos produtos, principalmente as próteses⁴, visualmente mais impactantes (em variadas cores, modelos, espessuras – algumas com duas glândulas). Embora o espaço *sex shop* fique oculto algumas pessoas entram no local por curiosidade e acabam impactadas, o que as leva a julgar o casal de “gente do capeta” ou a afirmar que os produtos evidenciam uma derrocada moral que gera problemas sociais como crimes e tragédias. Essas narrativas são permeadas por risos do casal.

Ambos os cônjuges são evangélicos e recentemente saíram de uma igreja neopentecostal do Capão devido algumas divergências e ingressaram em uma nova no bairro do Socorro, zona sul da capital. De acordo com Teodoro, os conflitos com a antiga igreja estão relacionados à atividade profissional de ambos, que passou a ser má vista na Instituição. As tensões começaram quando o casal pediu anuência ao pastor para divulgar a loja na igreja. Autorizados, confeccionaram panfletos com o nome da loja acompanhado por “lingerie e *sex shop*”, endereço e três pequenas fotos: um dorso vestindo cueca, uma mulher com lingerie e outra mulher vestindo fantasia de mágica, que na percepção de Teodoro “não era vulgar, tinha bastante pano, tudo bem coberto”. Distribuíram as propagandas no culto dominical e na quarta-feira receberam uma ligação do pastor dizendo que a ação publicitária fora mal recebida pelos fieis,

³ No catálogo de um dos distribuidores das peças, a modelo é a dançarina Scheila Carvalho que fez sucesso nos anos 1990 como dançarina do grupo de axé “É o Tchan”. As fantasias são sortidas e todas femininas, variando entre colegial, universitária, mágica, fórmula 1, coelhinha, empregada, freira, enfermeira, entre outras. De acordo com Flor, as mulheres preferem a fantasia de policial enquanto os homens compram geralmente a de “cachorra”. Estou atenta para os possíveis sentidos embutidos nas *performances* dessas fantasias.

⁴ O termo utilizado para definir os acessórios que simulam pênis é problematizado por Gregori (2011). De acordo com a autora, o léxico empregado na abordagem dos produtos eróticos enuncia e sugere a relação que os sujeitos tem com os mesmos. Brinquedo, por exemplo, relaciona-se ao leque de usos possíveis proporcionados por esses produtos, que ficam a cargo da imaginação do(s) participante(s) da relação. Prótese, segundo Gregori, pode referir-se a uma extensão da carne, que supre algo que está ausente ou completa o presente. A escolha pelo uso de prótese no caso da minha pesquisa é puramente êmica, recorrente nos discursos e narrativas dos sujeitos em campo.

sendo alvo de reclamações anônimas. Optaram sair da igreja por considerarem essa postura dos fieis preconceituosa e inadequada. No discurso de Teodoro: “Não é possível que aquelas velhas não usem calcinha! Andam peladas por acaso? É lingerie, todo mundo usa...”. O emprego de termos religiosos como Deus, pecado e igreja, é recorrente nos discursos dos interlocutores da *sex shop*. Flor, por exemplo, afirmou algumas vezes que já experimentou todos os produtos disponíveis na loja, o que não a torna menos religiosa ou pecadora pois “o pecado está no coração de quem pratica”. Em visita à loja de Flor e Teodoro notei que a trilha sonora é composta por hinos gospel. Em um dos nichos pregados na parede, em cima de meias calças arrastão e vermelhas, há uma Bíblia.

Os usos dos produtos segundo o casal tem a finalidade de preservar o casamento e/ou apimentar a relação, valorizando os momentos a dois e inovando as práticas sexuais com produtos “diferentes”. Para Teodoro, o fato da maioria dos consumidores serem mulheres relaciona-se ao desejo feminino de manter o casamento, de investir na relação enquanto os homens “não estão nem aí”. Apontando algumas trajetórias, Flor contou-me sobre uma cliente sua que se separou e, aos 60 anos, está redescobrando o próprio corpo usando lingerie sensuais. Os produtos eróticos ela não compra pois não vê graça em usar sozinha e está a espera de um parceiro legal. Outra cliente, vizinha à loja de acordo com Flor, é casada e tem um segundo companheiro que ela afirma ser mais que amante: um namorado. Ela compra os produtos para usar com esse namorado pois trata-se de uma relação mais livre e prazerosa na qual ela investe mais recursos. A proprietária contou sobre meu trabalho a algumas clientes que, segundo ela, se interessaram em participar da pesquisa. Flor pediu-me que avisasse a respeito de minhas idas à loja para que pudesse contatar essas clientes com antecedência. Embora eu sempre avise, até agora não obtive sucesso em conversar com essas mulheres pois, de acordo com Flor, as clientes passaram por períodos pessoais conturbados nos últimos meses.

As narrativas de Teodoro se referem mais aos homens hetero e homossexuais que, por se sentirem mais à vontade, preferem ser atendidos por ele. No discurso do proprietário os produtos mais polêmicos, que causam maior constrangimento nos clientes, são as próteses. É comum, de acordo com Teodoro, as pessoas levarem próteses sob prerrogativas como “é de presente” ou “é pra sacanear um amigo que faz aniversário”. Ele acredita que o uso das próteses seja em companhia do parceiro para dupla penetração nas mulheres ou para penetração anal nos homens, uma vez que, em sua narrativa, a próstata é fonte de prazer ainda inexplorada entre os casais. Embora menos que os géis ou cremes, as próteses fazem bastante sucesso e ao lado de algemas e chicotes não podem faltar na loja.

Teodoro também contou-me a história de um rapaz que foi à loja com o livro “Cinquenta tons de cinza” embaixo do braço, com o objetivo de comprar adereços e reproduzir as cenas do livro com a própria esposa. Em 2012 foi impactante para o mercado erótico o lançamento da trilogia “Cinquenta tons de cinza”, *best seller* da autora inglesa E. L. James. Os livros, fenômeno de vendas no Brasil e em outros países, narram a história de amor entre Christian Grey, um empresário bilionário praticante de sadomasoquismo, e Anastasia Steele, uma moça virgem de vinte e um anos, recém-formada em literatura. O casal vive um tórrido romance no qual as cenas de sexo são descritas com detalhes o que levou o livro a ser percebido como erótico por algumas mídias⁵. Não é surpreendente que o mercado erótico também aproveite

⁵ De acordo com a revista *Veja* (26/09/2012), o estouro de “Cinquenta tons de cinza” pode servir como “um guia para compreensão da sexualidade feminina”, questão que Freud não conseguiu

o sucesso do livro não apenas com os produtos descritos nas cenas mas com o licenciamento de artefatos eróticos como as cápsulas de óleo que rompem dentro da vagina durante o ato sexual e provocam diferentes sensações. Na loja de Flor e Teodoro, as três estão à disposição: “Cinquenta Tons de Cinza” (que esquentam, esfria e vibra com uma forte intensidade), “Cinquenta Tons Mais Escuros” (refresca, perfuma e lubrifica) e “Cinquenta Tons de Liberdade” (esquentam, esfria e vibra). Os nomes das bolinhas remetem aos títulos da trilogia e as especificações são fixadas na parede da loja. Segundo o casal, essas bolinhas são o maior sucesso da loja no momento.

Outras combinações, outros repertórios

Os discursos de Flor e Teodoro, bem como as narrativas sobre trajetórias e práticas de consumo dos clientes da *sex shop*, aludem a uma articulação entre o repertório do mercado erótico e as peculiaridades que envolvem um nicho comercial deste tipo nesta região de periferia. Se há uma retomada do erotismo politicamente correto em voga nos bairros de classe média alta estudados por Gregori (2012), há a incorporação de outros elementos que particularizam as práticas comerciais no Capão Redondo.

O estudo de Gregori (2004, 2011a, 2011b, 2012) é um dos pioneiros na abordagem sobre mercado erótico no Brasil. A autora se debruça sobre os deslocamentos que possibilitaram a expansão das *sex shops* do centro de São Paulo para os bairros de classe média e alta, movimento acompanhado pela feminização do mercado: um nicho feito para mulheres, e mulheres prontas para consumir nesse nicho. Se até a década de 1990, começo da 2000 a maioria das *sex shops* restringiam-se ao centro da cidade, voltadas para público masculino que circula entre os escritórios e comércio da região, recentemente lojas do tipo se espalham pela cidade, associadas a discursos específicos que atribuem novos sentidos a esse consumo. Gregori localiza no “repertório sociocultural da vida urbana e contemporânea” (2011b: 316) e no acesso a determinados discursos e materiais de mídia⁶ esse deslocamento semântico que possibilitou o aumento do acesso feminino a esses espaços. Trata-se do que a autora denomina “erotismo politicamente correto” que, vinculado ao exercício corporal, ao fortalecimento da autoestima, da saúde, do *self*, instaura os padrões de uma sacanagem do bem que se distancia do que é percebido pelos próprios informantes como pornográfico ou sujo. É uma pornografia limpa, *soft*, onde inclusive a disposição dos produtos na loja é feita de modo a não chocar as pessoas (Gregori, 2012: 75) e atrair mulheres dispostas a “substituir, com todos os ensinamentos, técnicas e aparatos a disposição no mercado, a discrição ou aparente indiferença sexual pela figura de uma companheira que, além de bem resolvida financeira e pessoalmente, tem iniciativa e

resolver. Em reportagem veiculada na internet ([<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/lancamento-de-%E2%80%98cinquenta-tons-de-cinza%E2%80%99-aquece-mercado-erotic>] acesso em 13/06/2013), Veja afirma que o setor de mercado erótico cresceu 20% após o sucesso do primeiro livro. Em Campinas, uma empresária aproveitou o ensejo do sucesso do livro e lançou o grupo “Cinquenta tons de mães”, formado por mulheres que se reúnem esporadicamente para aulas de pompoarismo, *strip tease* e *workshops* de produtos eróticos.

⁶ Gregori cita a série americana “Sex and the city”, cujas personagens – quatro amigas profissionais de classe média alta de Nova Iorque – traziam constantemente à baila assuntos que envolviam sexo e relacionamentos. Em meu campo, outros materiais informam os sujeitos e isso se verá mais adiante.

criatividade eróticas” (Gregori, 2012:87). Em meu campo, apimentar a relação mas sem se expor ou não expor os clientes ao constrangimento de frequentar uma *sex shop*, fazem parte desse repertório que suaviza os sentidos pornográficos associados ao uso de produtos eróticos.

No Capão Redondo, em discursos que enfatizam o sucesso conjugal e pessoal aliados ao prazer sexual e mediados pelos produtos eróticos, estão imbricados além dos discursos acima descritos, diversos elementos religiosos que, hipotetizo, peculiarizam essas práticas nesse contexto. A história do bairro é permeada pela presença de igrejas pentecostais e neopentecostais. Boa parte da população frequenta essas Instituições cujos dogmas traspassam diversas esferas das vidas dos fieis sob a justificativa da ascese cristã. As prescrições sexuais dessas confissões restringem, por vezes, o sexo ao relacionamento conjugal, que, uma vez sacramentado, deve ser preservado nas leis divinas. Há a condenação de determinadas práticas e a permissão de outras, desde que a finalidade seja a manutenção do casamento. Nesse sentido, e na narrativa de Flor não há mal algum em utilizar produtos eróticos pois o que importa são os sentimentos e os objetivos. Contudo, a ojeriza que os artefatos causam em alguns sujeitos também tem um fundamento religioso: “coisa do capeta”. A incorporação dos dogmas religiosos ao mercado erótico – e vice-versa – está inserida em uma lógica de mercado que negocia os sentidos morais atribuídos aos objetos. Ora essa negociação é bem sucedida, ora não. O interessante é perceber como os termos dessa negociação são bem próximos aos do erotismo politicamente correto anunciado por Gregori. Para além do bem estar e do fortalecimento do *self*, está a manutenção do casamento ligada à vontade divina. A assimilação do mercado erótico no Capão Redondo extrapola o repertório da sacanagem do bem e desloca outros elementos além daqueles verificados por Gregori em bairros de classe média e alta.

Ao ativarem retóricas que associam o prazer sexual mediado por esses produtos a um aprimoramento do relacionamento conjugal heterossexual ou a um bem estar associado ao cuidado pessoal, esses sujeitos transferem determinados significados rompendo e suturando com convenções de gênero, em um movimento simultâneo. Parece estar em movimento um deslocamento semântico: na medida em que o escopo possível de práticas sexuais para pessoas casadas se amplia, amplia-se também um repertório de justificativas que embasam o consumo e a circulação por esses espaços. É possível à mulher da periferia comprar em uma *sex shop*, desde que seja escondido e para fins conjugais ou de bem estar pessoal – e espiritual. O prazer é aqui um meio para atingir um objetivo que reitera posturas tradicionais femininas, como o ideal da boa esposa. Gregori (2012) aponta um turvamento nas fronteiras que dividem Amélia e “puta”, criando novos padrões de conjugalidade heterossexual onde o ideal é que a mulher seja “uma dama na sociedade e uma puta na cama”, conforme o discurso de uma interlocutora. A elaboração e o turvamento dessas fronteiras no Capão Redondo se conecta em dois pontos: os dilemas morais dos sujeitos (permeados pelo moralismo cristão) e as estratégias de mercado implementadas tanto no mercado erótico mais amplo quanto na *sex shop* de Flor e Teodoro. Curiosa a respeito do meu estudo, Flor fez algumas perguntas, entre elas intrigava-lhe o porquê de meu interesse em *sex shops*. Expliquei que me interessam os significados envolvidos na recente feminização desse mercado, ao que ela respondeu: “realmente, de primeiro só quem comprava isso era homem e garota de programa para satisfazer o seu cliente, hoje em dia mudou tudo, são as mulheres que compram pra segurar os maridos”.

O que parece estar em jogo é a negociação de novas moralidades imbricadas em “esforços de normatização e também de mudanças de convenção sobre sexualidade e gênero” (Gregori, 2012:59). É um movimento dinâmico que, através de um processo de

resignificação, amplia o escopo de práticas sexuais possíveis para mulheres heterossexuais ao mesmo tempo em que normatiza essas mesmas práticas. É como se fosse proibido às mulheres gostarem de sexo por prazer de exercitarem a própria sexualidade: diversas retóricas são elaboradas para justificar o consumo nesses espaços, repondo muitas vezes significados associados a papéis femininos tradicionais como o da boa esposa. No Capão Redondo, a religião extrapola a coadjuvância e se insere como um dos eixos principais no repertório do erotismo politicamente correto.

Atento-me aqui para os significados políticos imiscuídos nesses discursos. Se Vance (1989) alerta para a necessidade das mulheres liberarem seus prazeres de quaisquer sentidos normativos, como um ato político de afirmação do sujeito, as possibilidades do mercado erótico se inserem de forma complexa, como um jogo que ora assume determinada direção, ora outra. De qualquer forma, o interessante está mais em compreender esses movimentos e o que os ativam do que verificar se o que vislumbro em campo é transgressão ou continuidade.

Meu propósito para essa pesquisa é partir das *sex shops* em direção a outros espaços e sujeitos que me permitam entender trajetórias sexuais em um contexto periférico. Percebendo os eixos que se interseccionam nas experiências sexuais dessas pessoas, pretendo uma compreensão antropológica dessas culturas sexuais (Rubin, 1989) em trânsito no Capão Redondo. Distante de concepções moralizantes ou de interesses no aspecto reprodutivo do sexo, acredito que as sexualidades desses sujeitos podem ser compreendidas no âmbito de seus prazeres. Para além das dores da realidade social da periferia, é preciso ver onde há prazer pois a conquista de direitos não depende só do medo mas também da esperança. Se a luta por prazer é legítima, que todas as vozes – e prazeres – sejam ouvidos e sentidos, liberados em suas múltiplas possibilidades.

Referências bibliográficas:

Díaz-Benítez, Maria Elvira. (2010). *Nas redes do sexo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Feltran, Gabriel de Santis. (2008). *Fronteiras de Tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Ciências Sociais do IFCH/Unicamp, Campinas, Brasil.

Gregori, Maria Filomena. (2011a). Mercado Erótico: notas conceituais e etnográficas. En: Piscitelli, Adriana; Assis, Gláucia Oliveira de; Olivar, José Miguel Nieto (org.) *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp/PAGU.

_____. (2011b). Usos de Sex Toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas. *Mana*, vol.17, n°2, 313-336.

_____. (2004). Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. En: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sérgio. (org.) *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. (2012). Erotismo, mercado e gênero. *Cadernos Pagu*, 38, 53-98.

Rubin, Gayle. (1989). Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. En: *Placer y peligro – explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Talasa Ediciones.

Vance, Carole. (1989) El placer y el peligro: hacia una política de la sexualidad. En: *Placer y peligro – explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Talasa Ediciones.